

**ESCREVIVÊNCIAS
ACADÊMICAS: REFLEXÕES
SOBRE ANCESTRALIDADE E
RECONHECIMENTO DESDE UM
ENCONTRO COM A LITERATURA
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

*ACADEMIC WRITING EXPERIENCE:
REFLECTIONS ON ANCESTRALITY AND
RECOGNITION SINCE AN ENCOUNTER
WITH THE LITERATURE OF
CONCEIÇÃO EVARISTO*

Alexandra Domingues

Doutora em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS, Brasil. E-mail: alexandradomingues@gmail.com

Resumo: o presente artigo se desdobra desde uma proposta metodológica vivenciada pela autora durante o primeiro semestre do ano de 2019, a partir da proposição estética de uma disciplina ofertada em um curso de Pós-Graduação em Educação, de uma Universidade Pública localizada no Sul do Brasil, a qual teve como objetivo contemplar a perspectiva teórica da produção literária e crítica de mulheres latino-americanas, em particular negras e indígenas, posta de certo modo, em contraste, com o campo moderno e basilar que compõe o contexto ocidentalizado em que se pauta grande parte das discussões intelectuais do campo simbólico e, por conseguinte, do saber hegemonicamente constituído em instituições de formação de profissionais especializados. Nesta oportunidade, além da compelida reflexão sobre a estruturação social da América Latina e do Brasil, desde sempre subjugados à pretensa superioridade colonizadora da cultura ocidental, o especial encontro com a escritora negra Conceição Evaristo, levou a autora a perceber que este exercício foi capaz de lhe oportunizar uma experiência intensa de reconexão e familiaridade com as mulheres que constituíram a sua existência, desdobrando-se então em uma escrita literária e reminescente, outrora gerada através da sua escritvivência compartilhada ao final do texto.

Palavras-chave: Classe. Escrivivência. Reconhecimento. Gênero.

Abstract: The present article unfolds from a methodological proposal experienced by the author during the first semester of 2019, from the aesthetic proposal of a discipline offered in a Postgraduate course in Education, at a Public University located in the South of Brazil, which aimed to contemplate the theoretical perspective of the literary and critical production of Latin American women, in particular black and indigenous women, placed in a certain way, in contrast, with the modern and basic field that makes up the westernized context in which a large part is based. from the intellectual discussions of the symbolic field and, consequently, of the knowledge hegemonically constituted in institutions for the formation of specialized professionals. On this occasion, in addition to the compelled reflection on the social structuring of Latin America and Brazil, which have always been subjugated to the alleged colonizing superiority of Western culture, the special meeting with the black writer Conceição Evaristo, led the author to realize that this exercise was able to provide him with an intense experience of reconnection and familiarity with the women who constituted his existence, unfolding then in a literary and reminescent writing, once generated through his shared writing at the end of the text.

Keywords: Class. Writing experience. Recognition. Gender.

Introdução

[...] *Porque não tenho olho claro, ele não me aceita; Eu entro no seu comércio; Eu gasto, eu consumo; Ai você me aceita; Isso é um absurdo; Dinheiro não tem cor, mais pra trabalhar tem; Há muitos negros vencedores Eu digo amém* (Falsa abolição, Preta rara).

A evidência que o movimento negro empreende no Brasil a partir da sua terceira fase (1978 – 2000)¹ ou da sua etapa contemporânea, quando passa a se organizar de modo radicalmente unificado, abrangendo assim um maior alcance político e social, faz com que a visibilidade dos pretos revele-se como fundamental para a consolidação e manutenção da luta por uma sociedade estruturalmente menos desigual. De acordo com Nilma Lino Gomes,

Esse reconhecimento político tem possibilitado, nos últimos anos, uma mudança dentro de vários setores do governo e, sobretudo, nas universidades públicas, como, por exemplo, o processo de implementação de políticas e práticas de ações afirmativas voltadas para a população negra.²

Ocorrência que vem se desdobrando nos espaços de formação continuada de professores e profissionais da educação, cenário fundamental para a alteração de padrões hegemônicos de sociabilidade. Semelhante ao que sucede no Brasil, no que se refere à busca da ampliação do acesso ao reconhecimento a partir das lutas do povo negro, ocorre nos países do bloco latino-americano com o acréscimo dos povos

¹ De acordo com o artigo “Movimento Negro no Brasil: alguns apontamentos históricos”, publicado por Petrônio Domingues em 2006, o movimento negro no nosso país organiza-se a partir de quatro fases, quais sejam: “Nas duas primeiras fases, a maior parte do movimento negro se mantém afastado das formas tradicionais de organização das classes sociais (a saber: sindicatos e partidos). Isto não significa que o movimento tenha ficado em estado de isolamento político, haja vista que alguns de seus setores contraíram alianças e assumiram compromissos com diversas forças políticas e ideológicas. Na terceira fase, entretanto, boa parte do movimento negro se aproxima dos partidos e dos sindicatos, procurando estabelecer um liame nas ações de natureza classista e anti-racista” (DOMINGUES, Petrônio José. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*, Niterói, v. 12, p. 113-136, 2007). A quarta fase, a partir da qual o autor sinaliza uma interpretação hipotética, vem se elaborando a partir do protagonismo da juventude negra e periférica, dando sequência a já conhecida identificação com os movimentos americanos organizados em torno da defesa dos direitos civis do povo negro. No entanto, estes novos protagonistas na virada histórica atual, tem no *hip-hop* um de seus braços de identificação, atuação e organização.

² GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes. *Política & Sociedade (Online)*, Florianópolis, v. 10, p. 133-154, 2011. p. 135.

não-brancos³, que apesar das suas peculiaridades, convergem “para a reivindicação da reparação societária, uma vez que a escravidão, **a colonização**⁴, e **a exploração** lhe impuseram condições desfavoráveis”⁵. Neste sentido, a ação destes movimentos sociais torna-se determinante para a circulação de uma nova epistemologia, a qual se constitui desde as vivências dos povos subalternizados pelas perspectivas tornadas preponderantes na academia⁶. Tal movimento, portanto, redireciona as práticas metodológicas e pedagógicas pelo interior de um incipiente novo perfil acadêmico, agora vinculado com a luta pela resistência dos povos e culturas já mencionados, dando dessa maneira novos sentidos para a pesquisa científica. Nesta virada histórica, onde o Movimento Negro Unificado (MNU) começa a assumir maior diligência no campo político e social, as instituições culturais e literárias, apesar de superficialmente aderirem a um discurso diverso e democrático nem sempre tem se mantido materialmente aliadas das mudanças requeridas pelos movimentos sociais. Em um contexto que permeia e privilegia um imaginário vinculado ao perfil de uma escritora branca, intelectualmente apegada aos romances, delicada e dedicada às boas maneiras, não se coaduna o perfil atribuído às mulheres negras e racializadas, genericamente descritas nestes ambientes como selvagens, hipersexualizadas ou desprovidas de relações afetivas.

A Academia Brasileira de Letras (ABL) deixa transparecer o quanto o reconhecimento solene dos escritores e escritoras brasileiros está atrelado a algumas características diversas, que, porém, circundam um universo bastante peculiar, tais predicados reverberam uma ligação contundente entre as categorias de gênero, raça e classe. No campo teórico educacional da escola crítica, pertencente à área de formação de professores, à qual me vinculo como pesquisadora, a intelecção sobre o quanto estes conceitos emergem elementos fundamentais para a análise da sociedade capitalista, na qual nos encontramos inseridos social e economicamente, é

³ Andinos, indígenas, mestiços.

⁴ Acréscimo e grifos da autora.

⁵ LÓPEZ, 2015 *apud* NASCIMENTO, Valéria Luciene do; SALES OLIVEIRA, Maria R. Neto. O movimento negro na América Latina: Brasil e Colômbia. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 6, n. 9, p. 69637–69650, 2020. p. 69639. DOI: 10.34117/bjdv6n9-420.

⁶ GOMES, 2011.

trazida em grande parte através de autores que buscam inspiração na escola filosófica Marxista, tais como: Dermeval Saviani, Pierre Bourdieu, Antônio Gramsci, o próprio Karl Marx e Mário Alighiero Manacorda. Hoje, tardiamente, após a ampliação política do campo da pesquisa educacional para focos contra-hegemônicos, tornam-se também fundamentais autores como, Clovis Moura, Guerreiro Ramos, Milton Santos, Sílvio Almeida, Ângela Davis, Lélia Gonzales, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, além de Nilma Lino Gomes entre outros. O que estes pesquisadores anunciam de forma densa, congruente e convicta é que os seres humanos não são tratados de forma igualitária no Modo de Produção Capitalista (MPC), já que alguns possuem maior valor econômico e subjetivo de importância do que outros. De acordo com a percepção do referido campo teórico de pesquisa, a maior parte dos seres humanos comuns, onde se incluem os trabalhadores ligados às mais diversas finalidades, possuem, sobretudo a função primordial de garantir a ampliação e manutenção da riqueza econômica e do *status quo* de uma porcentagem mínima da humanidade, e por tal encargo inculido a sua classe, a trabalhadora, este ordinário arranjo reverbera preponderância em outros setores da sociedade, inclusive na escola e na cultura, aonde vimos ampliados valores fragmentados, segregacionistas e mercadológicos.

A Academia Brasileira de Letras e as suas representações: a naturalização do racismo nas reverências literárias

Detenhamo-nos a partir de agora, ao caso da ABL que desde a sua criação, em 1897, apesar de Machado de Assis⁷, ressoa determinado perfil que corresponde a um bem marcado gênero, o masculino, a bem marcada cor, a branca e a bem

⁷ Entre outros grupos de pesquisa que discutem a questão de identidade e gênero, no âmbito da perspectiva materialista histórica, destaca-se a atividade do Grupo de Estudos Cultura e Marxismo da Universidade de São Paulo (USP) que em 2014, através da análise sociológica do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, traz à tona discussão exponencial sobre a identidade negra do autor que fora silenciada e apagada pela estrutura racista a que se adéqua grande parte das instituições culturais de competência reconhecida no MPC. Tais instituições se mostram responsáveis por aprisionar os mais variados autores em um único padrão eurocêntrico de reconhecimento e poder, o qual deve corresponder ao tipo característico do homem branco e heterossexual, acompanhados obviamente do valor mercadológico que lhes é essencial.

marcada classe, a alta, também nomeada como elite cultural, ou, desde a perspectiva Materialista histórica dialética, a classe detentora dos meios de produção; origem que a torna, por conseguinte, beneficiária dos manejos habituais dos que circulam pelos ambientes de prestígio. Neste contexto, “a estrutura de poder na literatura nada mais seria do que um reflexo de como essas relações se dão na sociedade”⁸. O movimento negro, notadamente, as mulheres do movimento negro, vem posicionando também a identidade de gênero como protagonista de seus questionamentos, e desta forma tem cobrado uma maior representatividade no espaço cultural para si. De certa forma, o que as mulheres pretas militantes também da causa feminista fazem, é viabilizar que escritoras, poetisas, professoras e intelectuais pouco ou nada representadas em espaços predominantemente brancos, possam dizer que já não aceitam que falem por elas através de uma voz dissonante das suas realidades.

No Brasil, em 2018, com grande empenho das mulheres do MNU, construiu-se a tarefa da constituição de uma reivindicação em torno da ocupação simbólica de mulheres negras na ABL, mais especificamente de uma mulher preta que com o vetor de transporte da sua presença ética e estética, faria multiplicar o espaço das pretas redimindo a falta da sua representatividade. Tal tarefa se deu em torno de uma campanha em favor da eleição da escritora Conceição Evaristo para uma das vagas na Academia brasileira de letras. Esta ação não obteve o êxito pretendido, já que a cadeira está ocupada desde então pelo cineasta Carlos José Fontes Diegues, que se sagrou como o grande ganhador da eleição do dia 30 de agosto daquele ano, com apenas um voto contrário ao seu pleito. O profissional da sétima arte, hoje ocupa a sétima cadeira, que já foi de Castro Alves, o “Poeta dos Escravos” que é seu patrono, e que depois dele foi ocupada por Valentim Magalhães, um dos fundadores da entidade, mas que com exceção da contista, romancista e cronista Dinah Silveira de Queiroz, mulher branca, culta e bastante distinta para os padrões coloniais, como de praxe, foi ocupada por outros sete imortais, todos eles, homens brancos e muito bem prestigiados econômica e socialmente.

⁸ CASTELLO, João V. Martins; MEDEIROS, Júlia Oldra; ALMEIDA, Magali Lippert da Silva. Letras, elitismo e chá: a estrutura de poder na Academia Brasileira de Letras. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 125-136, set./dez. 2019. p. 129.

Entrelaçando de modo introdutório – como o espaço de um artigo permite – as categorias de gênero, raça, classe, ideologia e contradição, buscamos discorrer de forma breve, subjetiva, e um tanto axiomática, sobre a pertinência da campanha realizada a favor da ocupação de Conceição Evaristo para vaga na ABL em 2018, ao mesmo tempo em que a partir da experiência da autora também buscamos refletir sobre a importância do avanço da política de cotas (Lei 12.711/2012⁹), a qual reverbera no espaço acadêmico encontros com filósofas, literatas, escritoras e metodologias subalternizadas pelo embranquecimento da cultura brasileira e latino-americana.

Memórias, escrita e formação acadêmica: um diálogo com a América Latina e suas raízes negras e indígenas

De acordo com a descrição que aparece no portal da literatura afro-brasileira, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Conceição Evaristo de Brito é filha de Belo Horizonte, a simpática BH do sotaque gentil e carregado da candura que sempre faz bem aos ouvidos. No mesmo verbete encontramos o seu ano de nascimento, que se deu em 1946 e algumas informações que dão conta de localizar sua origem humilde e a singularidade da sua formação acadêmica aliados ao seu posterior destaque nacional e internacional como escritora. Conceição é formada em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestra em literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC – RIO) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Evaristo foi professora na rede pública de educação básica do Rio de Janeiro, e também docente universitária em outras instituições e estados. Sobre as experiências docentes ela remete algumas vezes durante as suas numerosas entrevistas, principalmente enquanto discorre sobre o processo de criação de alguns de seus personagens que

⁹ BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 10 fev. 2022.

se mostram sempre tão profundos, intensos e carregados de sutileza, ao mesmo tempo em que nos levam a testemunhar a brutalidade e a dor da falta de oportunidades. Conceição sempre quis ser professora, ela inclusive se diz vocacionada para a profissão, mas não diz isso de modo a defender aquela vocação vazia e da qual alguns políticos oportunistas se utilizam como argumento para defender a educação como prioridade cínica das suas campanhas, ela fala da vocação com seus deveres e direitos. Vocação com comprometimento ético, ou seja, como aquela capacidade profissional que empreende mudança morfológica e direcionada para os que necessitam dela. Em uma entrevista do final de 2020, Conceição manifesta:

Nasci para ser professora, gosto de dar aula e tenho uma vocação para isso. E não é a vocação que a gente pensa: 'Ah! Vai passar por isso, por todo o sofrimento, mas ela tem vocação por isso!' Não é isso! É que vou passar pelo prazer e pelo compromisso. Trabalhei com educação desde o jardim de infância até a universidade, então tenho essa experiência de lidar com alunos de várias faixas de idades.¹⁰

Abaixo do inventário incipiente, e de certa forma protocolar, como exigem estas apresentações, aparece então a voz consistente da própria autora, agora sim, conduzida pelo vigor da sua presença. E então, ela se apresenta,

Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. Essa informação deve ter sido dada por minha mãe, Joana Josefina Evaristo, na hora de me registrar, por isso acredito ser verdadeira. Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra. Quanto a ela ir sozinha, ou melhor, solitária para o cartório me registrar é uma dedução minha tirada de alguns fatos relativos à vida de meu pai. Aliás, de meu pai conheço pouco, pouquíssimo. Em compensação, sei um pouco mais, daquele que considero como sendo meu pai. Dele sei o nome todo. Aníbal Vitorino e a profissão, pedreiro. Meu padrasto Aníbal, quando chegou a nossa casa, minha mãe

¹⁰ EVARISTO, Conceição. "A escrevivência serve também para as pessoas pensarem". Entrevista concedida a Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. *Itaú Social*, São Paulo, 9 nov. 2020. On-line. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

cuidava de suas quatro filhas sozinha. Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, Maria da Conceição Evaristo e Maria de Lourdes Evaristo. Bons tempos, o de nós meninas. Minha mãe se constituiu, para mim, como algo mais doce de minha infância. O que mais me importava era a sua felicidade. Um misto de desespero, culpa e impotência me assaltava quando eu percebia os sofrimentos dela. Minha mãe chorava muito, hoje não. Tem uma velhice mais tranqüila. Meu padrasto completou 86 anos e vive ao lado dela. Depois das quatro meninas, minha mãe teve mais cinco meninos, meus irmãos, filhos de meu padrasto¹¹.

Meu encontro com Conceição se deu quando a professora responsável pela oferta de um seminário que objetivava realizar uma discussão teórico-metodológica sobre a importância da contribuição de mulheres negras e latino-americanas adentrou a sala de aula e começou a discorrer sobre o programa previsto para o semestre. Era um pouco frio, e trata-se de uma exceção, já que aquele início de semestre acontecia em um mês de março no Rio Grande do sul, estado onde por via de regra, as estações são muito bem definidas pelo enorme calor ou pelo frio de elevadíssima sensação. Fato é que, o dia apresentava-se ameno e convidativo para ouvir. A sala estava tomada por coroas crespas, chimarrão, peles morenas e indígenas, o que se mostrava tão excepcional quanto o frio que vinha da estação não equivalente. O semestre estava começando, lembro-me do sentimento de acolhida e de identificação misturado com vergonha e curiosidade. Durante a apresentação do programa, houve também a manifestação dos alunos e alunas. Havia naquela sala alguns pesquisadores, mestrandos, doutorandos, professores da rede pública e privada, gente de cinema, trabalhadores da educação, membros de movimentos sociais, enfim havia pessoas diversas. E ainda assim, as coroas crespas, peles morenas e tranças se sobressaiam de modo atípico, principalmente para aquele ambiente alto e alvo localizado no centro de Porto Alegre. A sala estava cheia e as combinações daquele momento evidenciaram que alguns dias seriam itinerantes e que, além disso, a professora iria dividir seu espaço com outras mulheres, não apenas aquelas mulheres que apareciam no programa como referências de uma disciplina preocupada com um tipo de debate pouco usual na academia, o qual trazia nomes para mim até então desconhecidos,

¹¹ EVARISTO, 2020, on-line.

tratava-se enfim de trazer mulheres parecidas comigo, com as outras alunas e também com a maioria das trabalhadoras terceirizadas daquela instituição. De certa forma ali, naquela conversa e naquele programa, aparecia um vestígio do que eu, uma aluna negra, mas desde sempre acostumada com a cultura branca estava por sentir e descobrir.

Depois de colocar a casa grande para dormir, é preciso falar de si

A pesquisa da área de ciências humanas, em especial a pesquisa do campo educacional, ainda carrega consigo um debate muito bem marcado pela suspeita sobre a sua rigorosidade¹². Desde o surgimento do interesse pelos estudos sobre a sociedade, que aparece mais notadamente no século XVIII, os intelectuais desta área buscaram percorrer um caminho que os levasse a uma metodologia que pudesse ser considerada capaz de analisar seu objeto de modo distanciado, neutro e imparcial. De certo modo, o objetivo destes estudiosos era o de produzir uma metodologia que alcançasse o mesmo prestígio daquelas utilizadas pelas ciências naturais. O modo como estes intelectuais enxergavam a forma de pesquisar a sociedade, deu origem a escola positivista. De acordo com Michael Löwy,

Significa que a concepção positivista é aquela que afirma a necessidade e a possibilidade de uma ciência social completamente desligada de qualquer vínculo com as classes sociais, com as posições políticas, os valores morais, as ideologias, as utopias, as visões de mundo. Todo esse conjunto de elementos ideológicos, em seu sentido amplo, deve ser eliminado da ciência social. O positivismo geralmente designa esse conjunto de valores ou de opções ideológicas como prejuízos, preconceitos e prenoções. A ideia fundamental do método positivista é de que a ciência só pode ser objetiva e verdadeira na medida em que eliminar totalmente qualquer interferência desses preconceitos ou prenoções.¹³

Entretanto, tal perspectiva, apesar de sua constante busca pela neutralidade na pesquisa, cooperou de modo significativo e em algumas circunstâncias inclusive

¹² Ver os livros: SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777-815, e SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

¹³ LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social*. São Paulo: Cortez, 1998. p. 36.

convenientes, para com o esvaziamento de conceitos caros a análise do referido objeto, tais como a ideologia e a contradição, aprofundados por Marx, entre outros motivos, com a intenção de compreender este tema e distinguir a pesquisa da área das ciências humanas da área das ciências naturais. Marx, em seus estudos sobre a economia política e por este motivo, preocupado com a produção material da vida dos seres humanos, nos ajuda a interpretar e contemplar em nossos estudos relativos à cultura, educação, economia, arte, filosofia, geografia, literatura e outros, a característica dialética da transitoriedade da sociedade, o que de acordo com o autor, torna providencial a marcação do movimento histórico incorporado pelos seres humanos, explicitando esta como uma característica que se desenvolve com instabilidade distinta da das leis da natureza, justamente porque a sociedade se dinamiza não de acordo com regras pré-estabelecidas e uniformes, mas, sistematicamente apoiada no modo como os seres humanos, desde as suas circunstâncias materiais a modificam e a reproduzem. Conforme Marx, “os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”¹⁴.

Ângela Davis, em seu livro *Mulheres, Raça e classe*¹⁵ com uma análise densa e inspirada na teoria de Karl Marx, mas não por isso encerrada na visão da esquerda ortodoxa, “a qual defende a primazia da questão de classe sobre as outras opressões”¹⁶, traz à luz do debate sociológico as contradições que se fazem presentes na relação que se desenvolve entre o feminismo negro e o feminismo branco. Ângela apresenta seus estudos a partir do contexto em que se insere como pesquisadora e ativista política das causas feministas e negras nos Estados Unidos da América (EUA) e por isso inspira a luta do povo negro latino. Davis, uma cidadã negra e americana

¹⁴ MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Edição: Ridendo Castigat Mores. Fonte Digital: Nelson Jahr Garcia, 2020. p. 6. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/4/o/brumario.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

¹⁵ DAVIS, Angela. *Mulher Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

¹⁶ RIBEIRO, Djamilia. Prefácio à edição brasileira. In: DAVIS, Angela. *Mulher Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 18.

conhece muito bem as contradições que apresenta em seus textos, e uma das principais características que singularizam estes dois grupos está ligado à luta pelo trabalho não doméstico. As mulheres brancas marcharam buscando o direito de trabalhar fora, votar e estudar, já a luta das mulheres negras se deu no contexto da busca pela humanidade que lhes foi renegada por seus senhores e pelas suas senhoras alvas, bem-vestidas e sempre protegidas pelo véu da ingenuidade e da fragilidade, as mesmas herdeiras dos privilégios sociais positivamente distintivos que ainda hoje ocupam os círculos literários oficiais. Em seu texto, Davis assinala que,

À medida que a ideologia da feminilidade, um subproduto da industrialização, se popularizou e se disseminou por meio das novas revistas femininas e dos romances, as mulheres brancas passaram a ser vistas como habitantes de uma esfera totalmente separada do mundo do trabalho produtivo. A clivagem entre economia doméstica e economia pública, provocada pelo capitalismo industrial, instituiu a inferioridade das mulheres com mais força do que nunca. Na propaganda vigente, 'mulher' se tornou sinônimo de 'mãe' e de 'dona de casa', termos que carregavam a marca fatal da inferioridade.¹⁷

Ângela prossegue a validação dos seus argumentos através da grandiosidade do discurso de Sojourner Truth, em certo encontro de mulheres realizado na cidade de Akron, Ohio no ano de 1851. Enquanto rememora um fato ocorrido ao longo das discussões sobre o direito ao voto feminino, o qual é ilustrado desde uma provocação de um dos homens presentes que ao argumentar sobre a dependência e a fraqueza femininas, as quais, segundo este homem as faziam necessitar do sexo masculino até mesmo para pular sobre poços de água ou quando da subida em carruagens, faz com que o seu leitor possa alcançar um pouco deste contexto de discriminações entre as mulheres brancas e as mulheres pretas naquele período. Então perguntou Truth, ao mesmo tempo em que enfatizou que nunca “havia sido ajudada a pular poças de lama ou a subir em carruagens” eu não sou uma mulher?

Arei a terra, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem, quando eu conseguia comida, e agüentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser

¹⁷ DAVIS, 2016, p. 24-25.

vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou uma mulher?¹⁸

Ângela e Truth me ajudaram a reconhecer que para boa parte da sociedade, eu, Conceição e muitas das colegas de pele negra que passaram a frequentar com maior recorrência os hostis espaços escolares e acadêmicos desde a virada do movimento negro em sua terceira quadra, não éramos e nunca haveríamos de ser uma mulher. Os estudos no seminário prosseguiram e frequentemente o feminino outrora renegado assumia sem ressalvas a afirmação da pátria morena demarcada então através dos nomes das suas mulheres escritoras, professoras, poetizas e artistas. Não apenas por meio de seus nomes, mas também pelo interior de suas histórias, crenças, sotaques, emoção e ação. Francesca Gargallo trouxe à baila o pensamento comunitário de mulheres de 607 povos indígenas da América Latina, discorrendo junto delas sobre a possibilidade de um feminismo latino-americano e coletivo desde uma matriz de pensamento de nossa conexão ancestral, mas sobre a qual não aprendemos nada ou, quase nada nos bancos escolares ou acadêmicos predominantemente descendentes da Europa. Outros feminismos, não ocidentais, sempre existiram? Eles têm esse ou outro nome? Se o saber comunitário emergisse sobre o pensamento neoliberal que não se constitui em partilha, pois é individual, ainda assim haveria espaço para a competitividade feminina? A obrigação do padrão eurocêntrico que traz a incumbência da busca de apenas um tipo de corpo, de rosto e de roupa sobreviveria com tanta força através do tempo se a colonização não nos assaltasse a economia e a cultura? Como tão bem afirma Nilma Lino Gomes, no Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço¹⁹.

Aos poucos foi se dando um avanço em relação ao campo teórico relativo ao pensamento decolonial, o qual foi se aprofundando junto da argentina María Lugones. Como uma mulher deve ser e se comportar para ser considerada uma boa mulher, quando se é uma mulher? Sobre isso a socióloga ratifica: “A confissão cristã, o pecado e a divisão maniqueísta entre o bem e o mal serviam para marcar a sexualidade

¹⁸ STANTON; ANTHONY, 1881 *apud* DAVIS, 2016, p. 27.

¹⁹ GOMES, 2011.

feminina como maligna, uma vez que as mulheres colonizadas eram figuradas em relação a Satanás, às vezes como possuídas por Satanás”²⁰.

O tempo naquelas aulas passou a transcorrer de modo intenso e com a proximidade das últimas semanas foi como se alguém batesse a porta e adentrasse de modo afetuoso um espaço que ainda estava inconsciente para mim. Agora o palco estava aberto para Conceição. Evaristo chegou se expondo e partilhando aspectos importantes da nossa sociabilidade racista, firmemente naturalizada desde as mães de leite, das Bás, das irmãs de criação além das filhas de criação, que nada mais foram do que cidadãs exploradas até o limite da sua humanidade. Evaristo reivindica: se os colocamos para dormir com nossas estórias já era chegado o momento de fazê-los acordar e ouvir a nossa história.

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar. Se a distância fosse menor, teria ido a pé. Era preciso mesmo ir se acostumando com a caminhada. O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão? A palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faça a laser corta até a vida!²¹

Como Conceição tão bem nos faz acessar, depreendemos sobre um dos pontos fundamentais da nossa constituição como negros, a história da nossa comunidade é uma história que se desenvolve em grande parte através da oralidade. O que se sabe dos nossos antepassados quase sempre é transmitido através de conversas de mãe para filha, de pai para filhas, tio para tia, tios para sobrinhos, tias para sobrinhas, avós para netos e netas, muitas vezes sob a noite escura ou ante o

²⁰ LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. p. 938. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 14 mar. 2022.

²¹ EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 24.

medo do açoite, que ainda nos persegue. Se a escrita foi renegada, a história não pôde se perder. Nossos ancestrais foram e são seus guardiões, os Griôs²², que elevam a sabedoria sobre o povo que foi escravizado. Conceição Evaristo fala com a maior propriedade destas circunstâncias dando a perspectiva oral do povo negro, seu povo, e como uma tradutora que reconta memórias e injustiças com amor, afeto e poesia, ela nos permite uma invasão de força resistente com seu abraço. Há muita dor nos livros de Conceição, mas também tem amor, música e fé. Os personagens que aparecem em *Olhos d'água* cartografam a violência colonial que se eterniza em um Brasil rico, contemporâneo e ao mesmo tempo tão desigual. E neste país, no Brasil, a desigualdade mostra sua cara através da cor da população carcerária, dos subempregos, da mendicância e da falsa abolição a qual fomos submetidos quando depois dela encontramos a rua e a falta de possibilidade de nos libertar e ter esperança. A escrevivência de Conceição como metodologia, ocupa e recria as nossas memórias através de nós mesmos e da nossa ancestralidade. Já falaram de nós nas novelas, nos filmes, nos livros, mas conosco, a partir da nossa voz há muito pouco que foi dito:

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço, tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se negro aprendia os sinais, as letras de branco e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço se certificou que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matéria de livros e letras, nunca foi além daquele saber.²³

No encadeamento dos encontros ancestrais que se oportunizaram a partir das aulas evoluiu também a interlocução com Julieta Paredes e Adriana Gusmán, as quais trouxeram para o debate uma Bolívia profunda, com sua resistência decolonial através

²² Sendo um estrangeirismo francês, a utilização da palavra “griot”, ao mesmo tempo que foi fruto do olhar europeu sobre um ofício mais antigo na África Ocidental, é também uma apropriação por parte dos africanos de uma terminologia que eles souberam bem incorporar enquanto categoria política de existência e (re) existência no mundo (ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. *As Griôs no Brasil: saberes e fazeres de mulheres negras através da categoria tia*. *Revista Calundu*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 73-89, jul./dez. 2020. p. 74. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.34965).

²³ EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003. p. 15.

de uma afirmação sobre a coletiva política da luta feminista, “o feminismo comunitário que estamos construindo é o que chamamos de ação política, não é uma teoria, é uma ação política, uma proposta, uma ferramenta de luta”²⁴. E foi assim, que por fim Rita Camisolão ecoou a possibilidade de escrever como um método afirmativo da nossa autoestima. Sem demora chegou a vez de Lélia Gonzales, que ensinou até mesmo Ângela Davis, a qual se apressurou em afirmar: – “Eu sinto que estou sendo escolhida para representar o feminismo negro. Mas por que aqui no Brasil vocês precisam buscar essa referência nos Estados Unidos? Acho que aprendi mais com Lélia Gonzalez do que vocês aprenderão comigo”²⁵.

Ao final do seminário pareceu para mim que todas eram outras que escreveram e disseram muito sobre si. Na conclusão do postimeiro dia de aula, realmente já tinha chegado o inverno, e então, no aconchego da sala de uma livraria próxima da universidade, a qual se mostrava enfeitada pelo cercamento de coroas crespas, peles morenas e um clima de abrigadouro que agora também se dava através dos encontros entre os olhares confortáveis, permiti-me escrever um pouco do que compreendi sobre as brechas potentes que agora a vida me fazia enxergar. Conceição disse algumas vezes que a literatura permite a ficção, e por isso, vez por outra uma invenção. E foi assim que escrever movimentou em mim um modo de ficcionalizar o que eu vi e vivi durante o itinerário de vida das mulheres negras que conheci na minha família, da mulher negra que me pariu, e das mulheres pretas da minha cidade, as quais enfim me levaram a compreender como elas compuseram a minha existência desde guria até adulta, quase sempre andando por esses lugares neutros por onde passamos, passeamos, ou por vezes nos entrincheiramos até bem longe, e por onde nem sempre há espaço ou brechas para pensar sobre nós.

²⁴ GUZMÁN, Adriana. Adriana Guzmán: o Feminismo Comunitário Antipatriarcal é ação política, não teoria. Entrevista concedida a Vandrezza Amante e Morgani Guzzo. *Portal Catarinas*, 2 mar. 2021. Disponível em: <https://catarinhas.info/adriana-guzman-o-feminismo-comunitario-antipatriarcal-e-acao-politica-nao-teoria/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

²⁵ DAVIS, Angela. Em São Paulo, Angela Davis pede valorização de feministas negras brasileiras (Fala proferida em conferência em São Paulo, em 19 out. 2019). *Brasil de Fato*, São Paulo, 20 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/20/em-sp-angela-davis-pede-valorizacao-de-feministas-negras-brasileiras>. Acesso em: 31 jan. 2023.

Escrevivências entre as invenções de um texto e um encontro com a minha vida

“Eu tenho meu cabelo na minha cabeça; Eu tenho meu cérebro, tenho meus ouvidos; Tenho meus olhos, tenho meu nariz; Eu pinto minha boca, tenho meu sorriso, tenho minha língua, tenho meu queixo, tenho meu pescoço, tenho meus seios, tenho meu coração, tenho minha alma” (Nina Simone).

Até chegar na estrada de chão batido foram percorridas horas intensas. A dor de um parto e de um descomeço, uma vida nova e um desvio. Há um nascer para a vida, a vida da abundância, da felicidade, da calma, e um outro nascer, este para o cinza, para o amargo, um amargo de dor.

Há uma intensidade em uma vida e há também a inércia que se encontra no sangue retinto do esgotamento, e na vertigem do pulsar do coração que dói. Desde o nascimento, uma vida negada, nascer para o que, e viver até onde? Até quando e para onde? Era sobre isso que ela se perguntava ao acordar todos os dias antes que o sol nascesse.

Desde aquele tempo percebeu que o sol, ah o sol, ele não nasce para todos. Quando ainda pequena, mas não tão pequena para ser vista como uma criança ou um bicho dócil, destes que os ricos, tipo os gaudérios²⁶, com sobrenomes pomposos gostam. Vivia a se perguntar, por quê? Por que uma vida nula, uma vida a percorrer outras vivências, uma vida a existir ao bel prazer de outrem.

Desde sempre já sabia que a felicidade precisa ser clandestina, e o conforto fraternal desespera ao encontro de itinerários alheios. Percorrer a vida de mão em mão, primeiro sendo a filha de criação, e depois sendo a mulher de alguém, para depois ser a mãe de alguém e depois, e depois, e depois, e depois um depois sem fim à vista, para remanescer sem a ternura de um leito, de um leite, de um apego, de uma importância estável, segura, completa.

Há tudo para ser negado, e muito pouco para ser amado. E como se pôr no mundo sem este tanto de amor, que falta tanto e a todo o instante? Lá naquela estrada

²⁶ Gíria do Rio Grande do Sul, que traz referência aos homens que se vestem com roupas típicas (bombachas, boinas, coletes). Geralmente estes homens são muito ligados a tradição gaúcha e vivem da agropecuária. Este tipo de vestimenta refere um tipo de vida abastado.

por onde passavam os primeiros Volkswagens ninguém nunca a convidou para ir buscar a sua vida. Mas e a vida era sua? A vida é sua? Carregava um de no nome, um de, de alguém.

De Mattos, de Passos, de Moreira, da Fonseca. Desde os cavalos amarrados até as carroças de charque, se cumpria um destino de sempre esperar pelo propósito que outros a delegaram. Mas há os sonhos de guria. Há outros muitos sonhos gurial! Há eles existem. Têm-se sonhos e por eles tem-se vida. Pelos sonhos, por mais restritos que eles sejam, há a busca da vida, mesmo que ela tenha existido e vivido solitária, dolorida e cansada de tanto esperar.

Considerações finais

A colonização violenta a que o Brasil foi submetido é responsável pela constituição de uma genealogia melindrosa. Há na estruturação do nosso país uma complexidade que só pode começar a ser desvendada a partir da revisão e revisitação sistemática da sua história. O abafamento da cultura indígena e a escravidão imposta ao povo negro nos engendraram fragmentados sobre o sangue e a dor. A virada política do movimento negro inaugura um novo Brasil na contemporaneidade, ainda que com todas as dificuldades e limites impostos para a luta racial, que se empreende como contínua, há no resgate da força dos pretos uma espécie de reconstituição da nossa cultura, da nossa alegria e da nossa autoestima, e isso não tem mais volta, uma vez que essa nova conversão também impôs para a sociedade alguns direitos que nos levam agora a abranger também o fortalecimento da nossa resistência. A força política e jurídica que a luta social consagra para o povo preto embrenha-se relevantemente na cultura, na filosofia, na educação e na literatura entre outros.

No entanto, não podemos relativizar a robustez do racismo e das controvérsias que se aprisionam nos ambientes institucionais a partir dele. As instituições, no Brasil e na América Latina, se acostumaram a operar e cooperar com estratégias de silenciamento do povo negro e não branco. Todavia, a luta nos tornou visíveis, e se a luta não modifica as instituições completamente, ela consegue estremecer as suas estruturas. Quando Conceição Evaristo perdeu uma batalha na

ABL no ano de 2018, não fomos derrotados apenas pela porta fechada para a negritude na Academia brasileira de letras, fomos também derrotados como humanidade pela barbárie que se empenhava naquele momento em sufocar as diferenças. Uma pena que os membros da ABL não quiseram se curvar para a força ética e estética que a presença daquela vitória poderia trazer para aquele espaço. Logo então pelo medo e conveniência da permanência, reflexos futuros do silenciamento imposto seguiram expostos fora da ficção dos livros e dentro da nossa realidade material que ecoa permanentemente através de Moise, Miguel, João Pedro, Kathlen e seu bebê, Genivaldo e infelizmente tantos outros irmãos. Por certo não há comparação entre barbárie e a humanidade quando remontamos a eleição na Academia Brasileira de Letras que sagrou Carlos José Fontes Diegues como vencedor, porém, nesta vitória há rastros da colisão entre o conservadorismo e a renovação.

Vivemos em um país que se diz tradicional e esse legado se desdobra vindo sempre recobrar a manutenção do espaço das elites colonialistas. Um país majoritariamente negro, de raízes indígenas, que possui distâncias continentais, tem rara beleza natural, cultura popular diversificada e que ao mesmo tempo concentra renda, explora seus trabalhadores e seus recursos naturais, demonstra por vezes um pouco de vergonha de si e da sua arte, mata imigrantes africanos e exalta imigrantes Europeus. Se a pesquisa em ciências humanas ainda encontra alguma resistência nos departamentos acadêmicos, pressuponha a tradição oral e negra?! Entretanto com o avanço das políticas de ações afirmativas, e em espaços como o do seminário descrito, vislumbramos o reconhecimento da nossa força, nosso orgulho e da nossa tradição sociológica, filosófica e literária.

Há um país que busca a todo o instante ratificar através das suas representações institucionais que é religioso, moralista e gentil e que por isso não gosta de ouvir as histórias vindas das senzalas e das aldeias, é um país que se diz cristão mas escolhe a cor do seu Messias e dos seus santos. Por todos estes apontamentos, a escrevivência de Conceição Evaristo é acima de tudo resistência, e apesar de ser escrita apenas por ela, ecoa muitas vozes, talvez por isso carregue um

peso demasiado grande para adentrar por todos os salões da sociedade. “A gente combinamos de não morrer!”²⁷ e ninguém vai nos matar nem calar a nossa voz agora e sempre.

Referências

ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. As Griôs no Brasil: saberes e fazeres de mulheres negras através da categoria tia. *Revista Calundu*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 73-89, jul./dez. 2020. p. 74. DOI: 10.26512/revistacalundu.v4i2.34965.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012*. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 10 fev. 2022.

CASTELLO, João V. Martins; MEDEIROS, Júlia Oldra; ALMEIDA, Magali Lippert da Silva. Letras, elitismo e chá: a estrutura de poder na Academia Brasileira de Letras. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 125-136, set./dez. 2019.

DAVIS, Angela. *Mulher Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. Em São Paulo, Angela Davis pede valorização de feministas negras brasileiras (Fala proferida em conferência em São Paulo, em 19 out. 2019). *Brasil de Fato*, São Paulo, 20 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/20/em-sp-angela-davis-pede-valorizacao-de-feministas-negras-brasileiras>. Acesso em: 31 jan. 2023.

DOMINGUES, Petrônio José. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo – Revista do Departamento de História da UFF*, Niterói, v. 12, p. 113-136, 2007.

EVARISTO, Conceição. “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. Entrevista concedida a Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. *Itaú Social*, São Paulo, 9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

²⁷ EVARISTO, 2016, p. 62.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção de saberes. *Política & Sociedade (Online)*, Florianópolis, v. 10, p. 133-154, 2011.

GUZMÁN, Adriana. Adriana Guzmán: o Feminismo Comunitário Antipatriarcal é ação política, não teoria. Entrevista concedida a Vandrezza Amante e Morgani Guzzo. *Portal Catarinas*, 2 mar. 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/adriana-guzman-o-feminismo-comunitario-antipatriarcal-e-acao-politica-nao-teoria/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

LÖWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social*. São Paulo: Cortez, 1998.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Edição: Ridendo Castigat Mores. Fonte Digital: Nelson Jahr Garcia, 2020. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/4/o/brumario.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2022.

NASCIMENTO, Valéria Luciene do; SALES OLIVEIRA, Maria R. Neto. O movimento negro na América Latina: Brasil e Colômbia. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 6, n. 9, p. 69637–69650, 2020. p. 69639. DOI: 10.34117/bjdv6n9-420.

RIBEIRO, Djamila. Prefácio à edição brasileira. In: DAVIS, Angela. *Mulher Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777-815.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.